

CLUBES SOCIAIS NEGROS: ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA, SOCIABILIDADE E MEMÓRIA NA LUTA PELA CIDADANIA

FRANCIÉLE GONÇALVES SOARES¹
LUCIO MENEZES FERREIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – franciellisoares805@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – luciomenezes@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

A escravidão no Brasil, que perdurou por mais de três séculos, provocando profundos impactos na sociedade, moldando relações políticas, sociais e econômicas. Em 1888, com a abolição da escravatura, os negros conquistaram a liberdade, no entanto, enfrentaram uma complexa transição. Sem políticas de reparação ou acesso a recursos, continuaram a vivenciar uma situação de marginalização e exclusão.

A escassez de oportunidades e a persistência do racismo estrutural tornaram a luta por integração social um importante desafio, levando a formação de associações de resistência, especialmente os Clubes Sociais Negros. Esses clubes tornaram-se símbolos de luta, fortalecimento, sociabilidade e integração da população negra, que comumente era impedida de frequentar os clubes sociais gestados pelos não-negros.

Embora esses Clubes Negros tenham sido, em sua maioria, fundados pela mesma motivação — a segregação racial —, cada um possui suas especificidades. Eles foram fundados em diferentes períodos históricos e apresentavam distintas formas de organização social, refletindo a diversidade cultural e social da população negra em cada contexto.

Portanto, o objetivo deste resumo é apresentar a importância dos Clubes Sociais Negros como forma de resistência e espaço de sociabilidade no Rio Grande do Sul, compreender as normas e dinâmicas sociais estabelecidas no interior destas agremiações, a partir dos fatores raciais e sociais. Além disso, busca-se analisar a trajetória desses clubes ao longo do século XIX e XX.

É importante salientar, que este tema vem sendo investigado desde a graduação da autora. E através do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, houve a oportunidade de dar seguimento as pesquisas relacionadas as agremiações negras, desta vez com o tema: “Rainhas do Clube Guarani: um Clube Social Negro em Arroio Grande/RS”

2. METODOLOGIA

Para a elaboração da presente pesquisa, foi utilizada a pesquisa bibliográfica. Conforme afirmam Souza, Oliveira e Alves (2021, p. 65), essa abordagem é “inserida principalmente no meio acadêmico e tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. CLUBES SOCIAIS NEGROS: HISTÓRIA, RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO

O início do século XX foi marcado pela fundação de diversas associações de luta e resistência negra, incluindo os Clubes Sociais Negros – espaços fundados na busca por inserção social e fortalecimento, devido à forte segregação racial presente no período pós-abolição da escravatura. Esses territórios na contemporaneidade são símbolos de luta contra o preconceito e discriminação racial, além de configurarem importantes lugares de memória.

Conforme mapeamento¹ realizado em pesquisa de mestrado de (Escobar, 2010) foram identificados cerca de 97 clubes e sociedades negras em diferentes regiões do país. No Rio Grande do Sul, 62 agremiações foram encontradas, 17 em São Paulo, 8 em Minas Gerais, 4 no Paraná, 3 em Santa Catarina, 2 no Rio de Janeiro e 1 na Bahia. Esses dados apontam a significativa presença e relevância dos clubes na história e cultura do Brasil, especialmente no estado do Rio Grande do Sul.

Na Bahia, foi identificada uma das primeiras sociedades negras, a Sociedade Protetora dos Desvalidos. Campos (2018) afirma que a sede foi instalada em 1851 e regulamentada como a primeira associação civil negra do Brasil em 1961. Organizada por trabalhadores livres e de cor, a associação tinha o objetivo de amparar a população negra em situação de enfermidade e idade avançada. Além disso, preocupava-se em auxiliar com os custos do funeral dos membros e monitorar o acesso à educação dos órfãos.

Já no Rio Grande do Sul, a primeira sociedade foi fundada em 1872, situada em Porto Alegre, e nomeada de “Floresta Aurora”. Embora inicialmente também tenha sido fundada com caráter beneficente, passou a desenvolver festas e promover momentos de sociabilidade entre os associados (ESCOBAR, 2010).

Embora alguns clubes sociais negros tenham sido fundados ainda antes da abolição da escravatura, foi sobretudo ao longo do século XX que se intensificou a criação dessas instituições. Nesse período, a população negra, recém-liberta, passou a conquistar gradualmente autonomia, permitindo-lhe organizar-se de forma mais estruturada.

3.2. RESISTÊNCIA, SOCIABILIDADE E DINÂMICAS SOCIAIS NO INTERIOR DOS CLUBES SOCIAIS NEGROS

Embora criados com propósitos semelhantes, cada clube social passou a ter suas particularidades, princípios, dimensões, públicos e desfechos. A primeira diferenciação entre os clubes que se pode mencionar é em relação ao grupo de associados; alguns clubes eram exclusivos para pessoas negras. De certa forma, era uma maneira de se sentirem seguros e livres dos julgamentos discriminatórios, além de ser uma oportunidade de incentivarem matrimônios entre os seus.

Já em relação aos grupos fundadores, conforme Giacomini (2006, p. 30) os responsáveis pela consolidação dos clubes foram “homens de ação, capazes de reagirem com positividade propositiva diante de situações adversas”. A autora

¹ Disponível em: <<https://clubessociaisnegros.com/brasil/>>

menciona como responsáveis pela fundação dos Clubes Negros indivíduos do gênero masculino pelo fato de serem raros os registros que referem-se mulheres entre os fundadores – isso é decorrente dos papéis de gênero. No entanto, vale evidenciar que as mulheres foram fundamentais para consolidação dos clubes, embora excluídas dos coletivos oficiais.

Estes grupos fundadores elegeram diferentes nomes para os Clubes Sociais Negros, Escobar (2010) reconhece certa singularidade na nomeação das agremiações, já que uma quantidade significativa de clubes possui denominação em homenagem a Princesa Isabel e ao dia 13 de maio, data da abolição da escravidão. Escobar e Moraes (2017, p. 27), destacam que a partir de uma maior ligação com a identidade e cultura negra, houve certa reinterpretação do verdadeiro sentido do dia 13 de maio e do papel da Princesa Isabel para a abolição. Além disso, há clubes que optaram por nomes que desviassem o foco do critério de raça, na busca por maior aceitação.

Quanto às normas de comportamento, através da análise em estudos relacionados às agremiações negras, percebeu-se que as exigências de boa conduta eram amplamente variadas, mas associadas a estruturas sociais – os clubes mais populares portavam normas flexíveis, enquanto os clubes elitizados possuíam regras demasiadamente rigorosas.

No interior dos clubes, também existia a premissa de que deveriam zelar pela boa aparência. Giacomini (2006, p. 35) ressalta que tal exigência configuraria uma maneira do grupo expressar sua ascensão na sociedade, o cuidado com a aparência extrapola o simples capricho e se transforma na busca por evidenciar atributos de classe, frequentemente não atribuídos aos negros.

Além do cuidado com a aparência, os gestores dos clubes buscavam promover um ambiente seguro para seus associados; essa era uma significativa preocupação, principalmente no que se refere ao gênero feminino. Liscano e Rosa (2018) apontam que zelar pela seguridade das mulheres negras, nesse contexto, era crucial para que pudessem circular pelos salões, já que a sociedade machista e racista hiper sexualiza seus corpos, tornando, então, importante uma maior cautela.

Geralmente, quem ficava com a atribuição de proteger as mulheres eram os próprios movimentos femininos que existiam nessas sociedades clubistas. Um exemplo são as “Casas da Amizade”: coletivos compostos por senhoras responsáveis por prezar pela segurança das moças. Esses coletivos foram fundamentais para o bom andamento das celebrações, promoção de eventos e organização social dos clubes.

Contudo, mesmo enfrentando barreiras em relação às desigualdades de gênero e raça, as mulheres conquistaram poder de participação através dos movimentos criados por elas no interior dos clubes. Os coletivos femininos engajaram-se em relação à organização de bailes, chás e demais eventos e manifestações culturais. Esse engajamento foi imprescindível para a sobrevivência das agremiações e, por isso, as mulheres negras são consideradas protagonistas das sociedades clubistas.

4. CONCLUSÕES

Os Clubes Sociais Negros, surgidos em resposta à segregação racial e à

exclusão social, desempenharam um importante papel na construção de identidades e na resistência da população negra no Brasil. Esses espaços não foram apenas promotores de sociabilidade e lazer, mas também funcionaram como suporte social, político e educacional, proporcionando aos sócios o enfrentamento de desafios impostos na sociedade. Sendo assim, os clubes foram territórios de memória e luta, refletindo a resiliência e a capacidade de reinvenção da população negra em busca de igualdade e reconhecimento social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Lucas Ribeiro. **SOCIEDADE PROTETORA DOS DESVALIDOS::** mutualismo, política e identidade racial em salvador (1861-1894). 2018. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia - Ufba, Salvador, 2018.

ESCOBAR, Giane Vargas. Clubes Sociais Negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. 221 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2010.

ESCOBAR, Giane Vargas. MORAES, Ana Luiza Coiro. Clubes Sociais Negros: memória e ações para o reconhecimento como patrimônio cultural afrobrasileiro. In: PAIXÃO, Cassiane de Freitas; LOBATO, Anderson (org.). Os Clubes Sociais Negros: no estado do Rio Grande do Sul. Rio Grande: FURG, 2017. p. 21-43.

ESCOBAR, Giane Vargas; MORAES, Ana Luiza Coiro. Clubes sociais negros: memória e ações para o reconhecimento como patrimônio cultural afro-brasileiro. In : PAIXÃO, Cassiane de Freitas; LOBATO, Anderson O. C. (org.). Os clubes sociais negros no estado do Rio Grande do Sul. Rio Grande: Ed. FURG, 2106. p. 21-43.

GIACOMINI, Sonia Maria. **A Alma da Festa:** família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro. O Renascença Clube. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro, IUPERJ, 2006.

LISCANO, Marcel; ROSA, Shirlei. Clube 24 de agosto: O Clube Suburbanos: O associativismo negro e o protagonismo de mulheres negras em espaços clubistas. Rio Grande do Sul: Editora ILU, 2018.

SILVA, Fernanda Oliveira. Além da sociabilidade: identidade e racialização nos Clubes Sociais Negros de Pelotas no Pós-Abolição (primeira metade do século XX). In: PAIXÃO, Cassiane de Freitas; LOBATO, Anderson (org.). Os Clubes Sociais Negros: no estado do Rio Grande do Sul. Rio Grande: FURG, 2017. p. 45-74.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p. 68-83, 2021.